

DESAFIOS DA DOCÊNCIA – ATUALIZAÇÃO E ADAPTAÇÃO

Juliana Alves de Sousa Caixêta ¹

RESUMO

Trata-se de um desafio à prática docente, a atualização constante. Durante muitos anos, o chamado professor – aplicava seus métodos, organizava suas aulas ao seu bel-prazer. E, talvez durante toda sua vida, talvez nunca fosse necessária qualquer adaptação àquilo que ele se programara a fazer. Nos últimos anos, principalmente após os anos 2000, essa realidade mudou drasticamente, especialmente com a popularização da internet. A quantidade e velocidade de aquisição de informações nunca cresceu tanto e nunca provocou mudanças tão radicais – dentro e fora das salas de aula.

Dessa maneira, é preciso discutir como o novo docente se insere nessa realidade, como ele se atualiza e adapta e como ele, além de objeto, passa a ser também sujeito das mudanças sociais.

Esse é um relato de experiência de aprendizado obtido durante o ensino médico durante a pandemia de 2020, enriquecido pelas magnânimas palestras assistidas no Seminário de Atualização de Práticas Docentes promovido pela UniEVANGÉLICA.

PALAVRAS-CHAVE

Aprendizado. Docência. Pandemia. Ensino a distância.

INTRODUÇÃO

Com a internet, surgiram novas possibilidades para a geração e disseminação do conhecimento. A inserção das tecnologias digitais no campo educacional concedeu ao Ensino à Distância (EaD) uma posição de destaque, permitindo o desenvolvimento da educação online. Neste cenário, novas maneiras de ensinar e aprender vêm sendo desenvolvidas, ressignificando a ação docente nesta modalidade educacional (ALMEIDA, 2003).

Para os docentes do ensino clássico, é necessário se adaptar a uma realidade distinta, uma vez que existem diversos fatores impeditivos da inovação/criatividade na EaD, como por exemplo: o hábito em realizar aulas expositivas, o uso de materiais ‘fechados’ (cujas respostas são estabelecidas a priori); a centralidade no ensino massivo, baseado na divisão do trabalho; o controle de respostas dos alunos; e a determinação rígida de tempo para a concretização das atividades (KEEGAN, 1991; PETERS, 2004).

Masetto (2000) explana que a docência no nível superior exige as seguintes competências que o docente domine de determinada área do conhecimento, tenha conhecimentos pedagógicos e capacidade de atuar politicamente como um cidadão que faz parte de uma nação e que ajuda a construir a vida e a história do povo. Esta competência desemboca na capacidade docente de discutir a própria profissão inserida na vida política, econômica e social (MASETTO, 2000).

Dessa maneira, concluímos que a docência é uma atividade complexa, que depende de conhecimentos interdisciplinares. Essa complexidade se amplia quando se trata da docência online que se faz com o apoio de aparatos tecnológicos bastante sofisticados e em contínua evolução,

¹ Doutora. Curso de Medicina do Centro Universitário de Anápolis - UniEVANGÉLICA. jualves39@yahoo.com.br

exigindo do docente um conjunto de competências técnicas e comportamentais que serão primordiais na sua atuação.

Cabe, então, afirmar que a docência online passa pelas especificidades da docência presencial, mas pode ser definida como a prática pedagógica do ciberespaço e da cibercultura, concretizando-se em cursos online. Surge em meio à transformação tecnológica que abre um novo cenário para o trabalho docente. Esta docência questiona a formação convencional dos professores, os currículos, objetivos e a metodologia, além de ressaltar a importância da afetividade na prática pedagógica (ALMEIDA, 2003).

Com a pandemia de 2020, muitos professores, habituados às práticas presenciais, precisaram se adaptar – rapidamente - a uma nova realidade. O ensino on-line deixou de ser uma opção e passou a ser uma regra, exigindo que novos conhecimentos fossem adquiridos num curtíssimo espaço de tempo. É esse relato de experiência – da transformação das sessões tutoriais presenciais em on-line – que apresentamos aqui.

RELATO DE EXPERIÊNCIA

Em março de 2020 a Organização Mundial de Saúde (OMS) declarou que o mundo estava vivendo uma pandemia – a última havia ocorrido 10 anos antes. A magnitude desse evento até hoje não pode ser estimada, uma vez que ainda vivemos sob a ameaça da infecção pelo novo coronavírus. Essa declaração gerou um efeito imediato em muitos países, dentre eles, o Brasil: fechamento de comércio, escolas, estradas, portos e aeroportos. O que era temporário, inicialmente planejado para durar 15 dias, foi se expandindo. Sem previsão de retorno às atividades normais, a UniEVANGÉLICA decidiu-se por uma atitude ativa: a de retomar as aulas, da melhor forma possível.

Tomando o máximo cuidado possível para manter-se dentro das especificações do Ministério da Educação para o curso de medicina, formou-se um grupo de trabalho para viabilizar o ensino à distância nas atividades que não fossem obrigatoriamente presenciais. Procurou-se, dessa forma, viabilizar as aulas de tutoria, através do preparo dos professores e dos alunos.

Habitados a sessões tutoriais presenciais, os docentes se depararam com um misto de alegria e medo. Estávamos todos saudosos de nossos alunos e atividades. Eu, particularmente, esperava com alegria pelo momento de “alinhamento” de conteúdo, alguns minutos antes da atividade com os alunos, em que os professores podiam ter um momento de socialização regado a café e, às vezes a um lanche que viria substituir o almoço nesses tempos modernos. Também gostava do “tête-à-tête” com os alunos, em que sempre era possível observar suas atitudes, expressões corporais, perceber se estavam preocupados, ansiosos, confiantes. Ao fim da tutoria presencial, às vezes havia tempo para uma conversa final na sala dos professores, para preenchimento dos diários ou correção das provas. Tudo isso foi interrompido em 14 de março de 2020.

De repente, tudo parou. Um imenso vazio. Estávamos suspensos, esperando que tudo melhorasse. Quem sabem em 15 dias? Um mês? As notícias de fora do Brasil mostravam que, uma vez iniciado, uma onda de difícil controle se seguiria. Aos poucos, precisamos reagir a essa realidade. Inicialmente, as palavras “zoom”, “google meeting”, “big blue button” causavam apenas confusão. Como utilizar esses aplicativos? Nossos dados ficarão seguros? Serão tão eficazes para o aprendizado quanto as sessões presenciais? E as provas? Como tornar o aprendizado seguro, eficiente e acessível? Eu nunca havia usado nada disso.

Rapidamente, fomos assistidos pela UniEVANGÉLICA. Muitos vídeos foram apresentados para que cada docente pudesse, a seu tempo, compreender as novas ferramentas a serem utilizadas. A cada dúvida, os vídeos no Youtube poderiam ser novamente acessados. Era hora também de enfrentar os problemas de conexão, que sempre existiram e muitas vezes, tornaram as atividades estressantes e cansativas. Ao mesmo tempo, iniciava-se uma nova maneira de ensinar e aprender: nem melhor, nem pior, apenas diferentes. Muitos alunos chegavam atrasados à aula, ou saíam e voltavam várias vezes durante a mesma aula. Algumas vezes, o link que eu criava, não funcionava. Algumas vezes me esqueci de gravar as aulas. Eram tantas coisas para lembrar! Muitos familiares apareceram nas telas. Sons de bebês chorando e animais – em sua maioria cachorros, mas houve também muitos pássaros – passaram a fazer parte das sessões tutoriais.

As avaliações passaram a ser uma preocupação. Apesar de todas as instruções - para que os alunos deixassem os microfones e a câmera ligada – não era impossível coibir o compartilhamento de informações. Se eles fizessem a prova lado a lado, como saberíamos? E se consultassem anotações em papel, pregadas à frente do computador? Essas respostas, nunca teremos. Nem sempre foi fácil identificar o “caminho” para elaboração e postagem das questões de avaliação. Em contrapartida, a correção das avaliações mostrou-se muito mais fácil no ambiente on-line: era o fim das canetas vermelhas e das somas, que às vezes eram incorretas e causavam muitas dores de cabeça.

Ao fim de um ano difícil, houve muito aprendizado, de uma nova forma de ensinar e aprender, ao menos para mim. Eu jamais havia participado de atividades de ensino à distância.

DISCUSSÃO

A educação é um dos pilares para o desenvolvimento sustentável de uma nação, tanto no âmbito social quanto econômico, tendo um papel crucial no processo de desenvolvimento sustentável, contribuindo para o aumento da renda absoluta (de indivíduos e do país como um todo) e para a diminuição das desigualdades (ALMEIDA, 2002; MORAIS, 1997). Dessa maneira, a educação pode ser considerada sinônimo de desenvolvimento. A qualidade dos trabalhadores é um elemento fundamental para a riqueza das nações e os benefícios não se restringem ao âmbito cultural, mas também desenvolve competências que aumentam a produtividade e a renda do trabalhador. Esse argumento deu origem à teoria do capital humano. Dessa maneira, pode-se dizer que, quanto mais educado um país, mais rico ele é. Portanto, é um desafio e uma necessidade, para a sociedade e para o Estado brasileiro, oportunizar o acesso à educação de qualidade a toda a população (MESSA, 2010).

No Brasil, a atual sociedade do conhecimento tem características muito singulares e com isso, surgiram novas demandas. Há uma diligência por formação educacional continuada ao longo da vida e existem novos anseios quanto à aprendizagem tanto de jovens como de adultos. O conhecimento passou a ser o principal ativo de pessoas, organizações e nações. Permeando essas mudanças, o uso crescente e intenso de Tecnologias de Informação, especialmente após os anos 2000 (DAVENPORT & PRUSAK, 1998; SVEIBY; 1998).

Com a pandemia deflagrada em 2020, um novíssimo cenário se formou: surgiu uma necessidade crescente por novas formas de aprender e ensinar. A Educação a Distância (EaD) apresentou-se como uma possibilidade para a manutenção ao acesso à educação, já que permite o ensino-aprendizagem em tempos e lugares distintos. Infelizmente, não é acessível a todos, especialmente à população de renda mais baixa. Além disso, a EaD exige técnicas especiais de

criação de cursos, novas formas de instrução, novos meios de comunicação por intermédio de várias tecnologias e disposições organizacionais e administrativas especiais. Nessa modalidade, para que um curso obtenha bons resultados, é necessário que esteja apoiado no tripé: TICs adequadas para o contexto dos alunos; plano pedagógico que considere as questões de ensino-aprendizagem; e boa gestão de recursos tangíveis e intangíveis.

O EaD exige planejamento e controle da plataforma tecnológica utilizada; dimensionamento de professores; coordenação e treinamento da tutoria; produção de material didático e sua distribuição; interação com estudantes; controle acadêmico, entre outros. A gestão eficiente também é considerada como um requisito para a qualidade de um curso (GARCÍA ARETIO, 2014; MEC, 2007).

Dessa maneira, considero que a UniEVANGÉLICA cumpriu seu papel - vencendo barreiras em tempo recorde e controlando as dificuldades bravamente, através de um planejamento e execução bem-feitos. Se o ensino continuará nesses mesmos moldes, não sabemos. Mas o EaD na medicina provavelmente irá garantir o seu lugar.

CONCLUSÃO

No ano de 2020, certamente um dos mais críticos para a educação em todo o mundo, surgiram novos desafios para professores e alunos. Esse relato de experiência descreve as angústias e aprendizados ocorridos no ensino de medicina no ano de pandemia. Apesar de ter muito a aprender, o papel educador do curso foi cumprido, através de múltiplas iniciativas educacionais.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. E. B. Incorporação da tecnologia de informação na escola: vencendo desafios, articulando saberes, tecendo a rede. In: MORAES, M. C. (Org.). Educação a distância: fundamentos e práticas. Campinas, SP: NIED/Unicamp, 2002

_____. Maria Elizabeth Bianconcini de. Educação a distância na internet: abordagens e contribuições dos ambientes digitais de aprendizagem. Educ. Pesqui., São Paulo, v. 29, n. 2, p. 327-340, Dec. 2003

DAVENPORT, Thomas H.; PRUSAK, Laurence. Conhecimento empresarial: como as organizações gerenciam o seu capital intelectual: métodos e aplicações práticas. 14.ed. Rio de Janeiro: Campus/Elsevier, 1998

García Aretio, L. Bases, mediaciones y futuro de la educación a distancia en la sociedad digital. Bordón. Revista De Pedagogía, 66(2), 175-176, 2014

KEEGAN, D. Foundations of distance education. 2. ed. Londres: Routledge, 1991

MASSETO, Marcos Tarciso. Mediação pedagógica e uso da tecnologia. In MORAN, José Manuel. Novas tecnologias e mediação tecnológica. Campinas: Papyrus 2000

MEC, Secretaria de Educação a Distância, Decretos Nº. 5.622, 5.773, 6.303, regulamentadores do EAD

MESSA, Wilmara. Utilização de Ambientes Virtuais de Aprendizagem – AVAs: a busca por uma aprendizagem significativa. Em 24 de Junho de 2010.

MORAES, M. C. O paradigma educacional emergente. Campinas: Papyrus, 1997

PETERS, Otto. A Educação a distância em transição. Editora UNISINOS, 2004

SVEIBY, Karl Erik. A nova riqueza das organizações: gerenciando e avaliando patrimônios do conhecimento. Rio de Janeiro: Campus, 1998.